



Willian Kalinowski\*

## RESUMO

Neste artigo analisaremos o influxo que as paixões podem realizar na vida comportamental humana. Mostraremos que, se bem ordenadas, elas favorecem a atividade do agir e são úteis para a aquisição de hábitos operacionais retos; por outro lado, se desordenadas, elas escravizam a vontade, levando o homem a um estado de doença ou enfermidade moral e psicológica, marcado, ou pelo vício, ou pela incontinência, ou pela continência. Nos serviremos de algumas obras básicas (*Summa Theologiae*, especialmente o *Tratado sobre os vícios e pecados, na Prima Secundae*; e a *Questiones disputatae De malo* (q. 1-7)) para o estudo das causas do mau ato e mal hábito segundo o pensamento de Santo Tomás de Aquino.

**Palavras-chave:** Paixão. Comportamento. Psicologia Tomista. Vontade.

## The slavery of passions as a cause of behavioral and psychological disorder in Thomistic Psychology

## ABSTRACT

In this article, we will analyze the role that the passions can play in human behavioral life. We will show that, if well-ordered, they favor the activity of action and are useful for the acquisition of correct operational habits; on the other hand, if disordered, they enslave the will, leading man to a state of moral and psychological illness or disease, marked by vice, incontinence, or continence. We will use some basic works (*Summa Theologiae*, especially the *Treatise on Vices and Sins, in Prima Secundae*; and the *Questiones disputatae De malo* (q. 1-7)) to study the causes of bad acts and bad habits according to the thought of Saint Thomas Aquinas.

**Keywords:** Passion. Behavior. Thomistic Psychology. Will.

A escravidão das paixões como causa de desordem comportamental e psicológica na psicologia tomista

## Introdução

Deve-se começar este trabalho salientando um princípio rigoroso do agir humano: *Arrastado pela paixão, o animal é movido; mas ordenando a paixão, o homem se move, pois tem vontade livre*. A vontade (*Voluntas*) pode se impor sobre o movimento do desejo (*desiderium*) e ordená-lo para ela. Se o intelecto e a razão conhecerem um bem superior ao bem que os sentidos conhecem, a vontade, iluminada pelo intelecto, pode querer e eleger este bem – o bem do intelecto – e deixar de lado o bem sensível<sup>1</sup>. Deste modo, pondo as paixões em ordem àquilo que é melhor segundo o intelecto e a vontade, permitindo ao homem agir tendo sua parte superior no centro de sua vida comportamental, a paixão, neste ato, estaria ordenada conforme o ditame da reta razão.

Dentro do ato humano, que é fazer o intelectivo-voluntário, a paixão está relacionada ao agir, mas, como veremos, ela não pode ser o seu fundamento<sup>2</sup>. Neste trabalho analisaremos o papel do influxo que as paixões podem realizar na vida comportamental se forem bem ou mal ordenadas. Mostraremos que se bem ordenadas elas favorecem a atividade moral e são úteis para a aquisição de bons hábitos; por outro lado, se desordenadas, escravizam a vontade, levando o homem a um estado de doença ou enfermidade comportamental e psicológica, marcado pelo vício e pela desordem.

Para entendermos os movimentos inferiores da alma, precisamos relembrar algumas noções básicas da estrutura da alma. Dentre os seus gêneros de potências, encontramos um chamado de potência apetitiva (*apetitus*), que tem por característica ser uma tendência ou inclinação para um bem, natural ou apreendido<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> A partir disso, devemos considerar que dentre os atos feitos pelo homem, não se encontram apenas os atos voluntários, mas também os atos das paixões da alma (*Passiones animae*). Por isso, do ponto de vista moral, o ente humano pode agir deixando se mover não apenas pelo apetite racional ou vontade, mas, pelo apetite do bem deleitável ao sentido. O que queremos mostrar é que agindo assim, somente pelo bem deleitável, sem ordená-lo à razão, o homem age de maneira passional, comum com os brutos, não racional. Pois esses também podem apetecer o bem sensível, mas nunca o bem da razão.

<sup>2</sup> Essa ideia é oposta àquela proposta por autores como David Hume e Jean Jacques Rousseau, por exemplo. Para esses autores, embora devamos levar em conta suas diferenças, as paixões são o fundamento do agir e do fazer morais humanos. Na nossa conclusão pretendemos fazer algumas considerações a respeito.

<sup>3</sup> Esta potência se divide em três espécies: a) apetite natural, b) apetite sensível, e c) apetite racional. O apetite natural é a inclinação que se segue a forma natural do ente, por exemplo, a pedra tende para o lugar mais profundo ou baixo por natureza, o homem naturalmente tende ao saber. Essa tendência

Dentro da potência apetitiva, tanto o apetite sensível, quanto o apetite racional, são inclinações que se seguem à apreensão de uma forma *intencionalmente* trazida para si, isto é, são inclinações que se seguem à apreensão da forma do outro. Escreve o Aquinate na *Summa Theologiae* (I, q. 80, a. 1, resp): “O apetecer encontra-se nos entes dotados de conhecimento, mas de modo superior ao comum, que existe em todos os outros entes”. Por que isso se dá assim? Segue-se a resposta:

Assim como as formas existem, nos entes que têm conhecimento, de modo mais elevado que o das formas naturais; assim é necessário que haja neles uma inclinação superior ao modo da inclinação natural, chamada apetite natural. E essa inclinação superior pertence à virtude apetitiva da alma, pela qual o animal pode apetecer as coisas que apreende, além daquelas às quais se inclina pela forma natural (*ST*, I, q. 80, a. 1, resp).

Pelo apetite natural o ente apetece apenas o seu bem. Pelas demais potências apetitivas apetece as perfeições dos outros, com a condição de serem apreendidas pelas potências cognoscitivas: “O característico do apetite, tanto sensitivo, como intelectual ou racional, é ser uma inclinação ou tendência que se segue ao conhecimento” (Echavarría, 2021, p. 159). O apetite sensível é o apetite do bem apreendido pelos sentidos, especialmente pela potência cogitativa<sup>4</sup>. Já o apetite intelectual ou racional tem por objeto o bem universal, comum ou absoluto. Nisso se funda a distinção: “O objeto do apetite superior é o bem em sentido absoluto [...] mas o objeto do apetite inferior é a coisa útil, de algum modo, ao animal” (*De Veritate*, q. 25, a. 4, resp).

---

não pressupõe conhecimento por parte do apetite, pois segue da forma natural e não da apreendida. Está ligada intimamente com a causa final ou bem do ente.

<sup>4</sup> Para tratar desta verdade, citamos uma objeção e uma resposta a esta objeção encontrada na *Summa Theologiae, Prima secundae* (q. 9, a. 1): “O intelecto exerce para com a vontade a função de apresentar o apetecível, assim como a imaginação o apresenta ao apetite sensitivo. Ora, a esta, assim agindo, não move o apetite sensitivo; antes às vezes tratamos o imaginado como o que se nos mostra numa pintura, que não nos move, segundo diz Aristóteles. Logo, também o intelecto não move a vontade”. Segue a resposta de Santo Tomás: “Assim como a imaginação da forma, sem a apreciação do que é conveniente ou nocivo, não move o apetite sensitivo; assim também a apreensão do verdadeiro, sem a natureza de bem e de apetecível, não move o apetite intelectual, que é a vontade. Por onde, não é o intelecto especulativo que move, mas, sim, o prático, como diz Aristóteles”.

## 1 O bem deleitável como motor do apetite sensível

Neste estudo nos interessa mais um destes apetites. Iremos nos ater ao apetite sensitivo ou sensualidade (*Sensualitas*), dada sua íntima relação com as paixões da alma (*Passione animae*).

Santo Tomás chama o movimento do apetite sensitivo de sensualidade, pois, a sensualidade é um movimento que se inclina aos bens, ao conveniente e ao inconveniente, apreendidos pelos sentidos do corpo (*ST*, I, q. 81, a. 1); (*De veritate*, q. 25)<sup>5</sup>. Os sentidos movem a sensualidade a modo de motor, a saber, como diz Tomás, a sensualidade é motor movido, enquanto os sentidos são o motor não movido<sup>6</sup>. Este apetite sensível se divide em duas espécies, pois o bem sensível é duplo, o deleitável e o árduo:

<p><b>1) Apetite sensível concupiscível</b></p>	<p>Significa a inclinação do apetite ao bem deleitável considerado em si mesmo como útil para a conservação do animal.</p>
<p><b>2) Apetite sensível irascível</b></p>	<p>Significa a inclinação ao bem árduo ou difícil considerado como útil para a conservação do animal, mas, que carece de luta para ser alcançado.</p>

Comentando essa distinção, escreve Santo Tomás no *De malo*:

Algo possui o caráter de apetecível porque é deleitável para o sentido, e, segundo esta razão de bem, é objeto do concupiscível; mas algumas coisas possuem outro caráter de apetecível, porque possuem certa excelência imaginada pelo animal, de tal modo que possa repelir todas as coisas nocivas e fazer uso do próprio bem livremente; este bem se dá sem nenhum deleite do sentido, e, inclusive às vezes com alguma dor sensível, como quando o animal luta para vencer, e, segundo esse caráter de bem imaginado, se entende o objeto do irascível (*De Malo*, q. 8, a. 3, resp).

<sup>5</sup> Escreve Tomás: “*Sensualitas nihil aliud esse videtur quam vis appetitiva sensitivae partis*” (*De Veritate*, q. 25, a. 1, resp).

<sup>6</sup> Escreve Tomás: “Pois, a potência apetitiva é uma potência passiva, cuja natureza é ser movida pelo que foi apreendido; por onde, o apetecível apreendido é motor não movido; porém, o apetite é motor movido, como diz Aristóteles” (*ST*, I, q. 80, a. 2, resp).

Echavarría (2021) afirma que se deve entender “imaginado” em um sentido mais geral, que inclui o juízo da cogitativa<sup>7</sup>. Isto está de acordo com o que temos refletido até aqui, pois é esta potência interna que julga o conveniente e o inconveniente na ordem sensível particular. E as paixões são movimentos conforme a conveniência ou a inconveniência sensível. Segundo Echavarría (2019), essa seria, inclusive, a tese principal da psicóloga tcheca Magda B. Arnold, conhecida como a fundadora da “psicologia apreciativa”:

As emoções, por sua vez, seriam fenômenos que abarcaria a totalidade do animal ou do ser humano e, portanto, supõe uma cognição mais elevada. Tampouco bastaria qualquer imagem ou conceito para ativar a emoção, pois há cognições neutras, que não despertam nenhum efeito emocional, como uma imagem qualquer, ou uma cognição abstrata, como um número, por exemplo. A cognição que ativa a emoção deve ser de natureza valorativa, ou seja, deve apreciar o que foi previamente percebido ou imaginado como um bem ou um mal para o sujeito considerado globalmente e concretamente, hic e nunc. Esta cognição é designada por Arnold com palavras distintas: “juízo sensorial”, “estimação”, “avaliação”, “apreciação imediata ou intuitiva”, e estaria especialmente vinculada com o sistema límbico, que propõe que seja denominado, por causa de sua função, de “sistema estimativo”. Embora não mencione em sua obra principal, *Emoción y personalidad*, em outros escritos Arnold reconhece que essa avaliação corresponde ao que, em Santo Tomás, é a potência estimativa, no animal, e cogitativa, no homem. Este reconhecimento da atualidade da doutrina de Santo Tomás provavelmente foi influenciado pelas teorias anteriores de dois psicólogos católicos: Gemelli e Michotte (Echavarría, 2019, p. 18).

Por isso, antes de tratarmos das paixões em si, é importante considerarmos que por meio destas duas potências, o homem se inclina a buscar aquilo que lhe seja conveniente e útil no que diz respeito à conservação do seu ser, incluindo aqui não só a conservação do seu corpo, como fazem os animais, mas, também aquilo que é útil

<sup>7</sup> Em outro artigo, escreve Echavarría (2019): “Simplificando um pouco, a posição de Tomás de Aquino sustenta que as paixões são movimentos de potências afetivas designadas com o nome de ‘apetite sensitivo’ que se divide em duas potências: o apetite concupiscível, que se dirige ao bem prazeroso, e o apetite irascível, que se dirige ao bem árduo. Estas paixões seriam ativadas por um juízo precedente, mas que não é do intelecto, mas sim da faculdade estimativa ou cogitativa (respectivamente no animal e no homem), que é uma potência cognitiva do juízo particular sensorial, essencialmente distinta da inteligência, que faz juízos de outra ordem (universais e necessários). A esta estimação particular, segue-se um movimento tendencial que teria como sede o órgão do coração” (Echavarría, 2019, p. 47-81). O papel da *Vis estimativa* (que no homem se chama cogitativa) é tão importante como preâmbulo para as ações do animal que Santo Tomás também afirma: “Donde a potência imaginativa compete à alma sensível, segundo sua própria natureza, pois nela são conservadas as formas recebidas pelo sentido; mas a potência estimativa, pela qual o animal apreende as intenções não recebidas pelo sentido, como a amizade ou a inimizade, está presente na alma sensitiva enquanto participa de algo da razão. É, também, em virtude dessa estimativa que se diz que os animais têm certa prudência, como se evidencia no princípio da Metafísica, exemplificado pela ovelha, que foge do lobo apesar de nunca ter sentido sua inimizade” (*De Veritate*, q. 25, a. 1, resp).

para a atividade da alma, dado que, como veremos adiante, no homem, a sensualidade carece de estar dirigida pela razão e pelo apetite superior, que é a vontade. E pode, de certo modo, ser educada, instruída e ordenada por ela.

No homem – diferente do que acontece no animal – o *deleitável* segundo o sentido não está submetido e moderado pelo apetite natural de conservação do corpo e da vida fisiológica, mas pode ser movido e imperado pela razão e pela vontade<sup>8</sup>. Não de maneira despótica, mas política, por meio de razões. Deste modo, é importante termos em mente que a influência da razão sobre as paixões supõe que estas têm um espaço próprio e não são meros instrumentos inertes nas mãos da razão. Por causa disto, as paixões podem ser ativadas diretamente, antecedendo assim ao juízo da razão (paixões antecedentes ou primeiros movimentos da sensualidade), ou posteriormente ao juízo racional (Echavarría, 2019).

Tendo isso por pressuposto, no início do *Tratado dos atos humanos*, Santo Tomás afirma que certos atos realizados pelos entes humanos são atos comuns entre o homem e o animal, e estes atos são os da potência apetitiva, chamada de apetite sensitivo. Estes atos ou movimentos também recebem o nome de paixões (*Passio*)<sup>9</sup>.

<sup>8</sup> Mondim (2024), em seu Dicionário, diz: “A sensualidade (o apetite concupiscível e irascível) nos animais é guiada exclusivamente pelo instinto, enquanto no homem é guiada quer pela razão (que lhe propõe bens, valores de ordem superior), quer pela vontade, que é soberana também com respeito aos impulsos da sensualidade”. Sobre isso escreve o Aquinate no *De Veritate* (q. 25, a. 5, resp): “Todavia, as potências apetitivas inferiores, isto é, a irascível e a concupiscível, se sujeitam de três modos. Primeiro, da parte da própria razão. Com efeito, como a mesma coisa pode ser considerada sob diversas condições, pode tornar-se deleitável ou repulsiva; e assim, a razão põe, mediante a imaginação, à sensibilidade algo sob o aspecto de deleitável ou desagradável, segundo lhe parece. Deste modo a sensibilidade é movida à alegria ou à tristeza; por isso o Filósofo diz no livro 1 da *Ética*, que a razão persuade sempre para as melhores coisas. Segundo, da parte da vontade. Com efeito, nas potências ordenadas mutuamente e conexas, verifica-se que um movimento intenso sobre uma delas, sobretudo na superior, redundando em outra. Donde quando, por escolha, a vontade se move a algo de modo intenso, até mesmo o irascível e o concupiscível seguem o movimento da vontade. Donde se diz, no livro III do *Sobre a alma*, que o apetite move o apetite, ou seja, o superior move o inferior, assim como a esfera move a esfera dos corpos celestes. Terceiro, da parte da potência motora que executa. Assim como no exército a marcha para a guerra depende do comando do general, também a potência motora não move os membros senão sob o comando daquilo que em nós rege todo tipo de movimento que se faça nas potências inferiores, isto é, a razão. Donde a razão reprime a potência irascível e concupiscível, para que não cheguem ao ato exterior, razão pela qual se diz em Gn 4, 7: ‘Mas sob ti está o teu desejo, e tu o dominarás’. E assim se evidencia que as potências concupiscível e irascível se sujeitam à razão e igualmente a sensibilidade, embora o nome de sensibilidade pertença a essas potências, não enquanto participam da razão, mas enquanto pertencem à natureza da parte sensitiva. Donde não se diz propriamente que a sensibilidade esteja sujeita à razão, assim como se diz que estão as potências irascível e concupiscível”.

<sup>9</sup> Em a) um sentido muito geral, Santo Tomás denomina paixão (*passio*) tudo o que seja uma recepção de uma forma ou qualidade. Nesse sentido, conhecer, amar ou ainda receber a graça, ser movido por ela, são modos de padecer. Em b) um sentido mais restrito, padecer é receber, mas com alteração e supressão daquilo que se era antes, sobretudo quando aquilo que foi suprimido convinha à natureza ou ao desejo da coisa (neste sentido, aquele que está doente ou que sofre, padece). Além desses dois

Por serem atos do apetite sensitivo, se pode dizer que as paixões da alma humana têm por sujeito o apetite sensitivo ou desejo (*desiderium*)<sup>10</sup>. São atos da alma por meio do apetite sensitivo.

Como se sabe disso? Pela análise do movimento. O ato da paixão é especificado pelo bem apreendido pelos sentidos, que é o bem deleitável. Por isso, o próprio das paixões é ser um movimento do apetite sensitivo causado pela imaginação ou cogitação do bem ou do mal sensível. Como vimos antes, para haver uma paixão é necessário que haja um juízo da potência cogitativa relativo à bondade ou nocividade do objeto apreendido pelos sentidos: “Assim como a imaginação da forma, sem a apreciação do que é conveniente ou nocivo, não move o apetite sensitivo” (ST, I-II, q. 9, resp ad 2). Deste juízo se segue a apresentação ao apetite, e então, se o apetite se inclina ou se afasta do bem ou mal apresentado pela *cogitativa*, temos o ato da paixão<sup>11</sup>.

## 2 A definição de paixão

Por isso, podemos definir as paixões como movimentos, sofrimentos, perturbações ou afetações do apetite sensível causados pela sensação, imaginação ou cogitação de um bem ou de um mal sensível. É isto que, citando Damasceno, ensina-nos o Aquinate: “A paixão é um movimento da virtude apetitiva sensível provocado pela imaginação do bem ou do mal” (ST, I-II, q. 22, a. 3, sed contra). Além deste seu aspecto formal, as paixões também têm por característica, enquanto aspecto material, certa transmutação ou mudança corpórea. Como quando o irado,

---

significados, podemos analisar as paixões como c) movimentos ou alterações do apetite sensível (*Actus appetitus sensitivus*).

<sup>10</sup> “Como já dissemos, o nome de paixão implica que o paciente é atraído pela ação do agente. Ora, a alma é atraída para o objeto externo, mais pela virtude apetitiva que pela apreensiva. Pois por meio daquela põe-se em relação com as coisas mesmas tais como são, e por isso diz o Filósofo que o bem e o mal, objetos da potência apetitiva, estão nas coisas mesmas. A virtude apreensiva, porém, não é atraída para as coisas em si mesmas, mas as conhece pela espécie delas, que tem em si ou recebe conforme o modo que lhe é próprio; por isso, no mesmo lugar diz Aristóteles, que a verdade e a falsidade, que pertencem à inteligência, não estão nas coisas, mas na mente. Por onde claramente se vê que a paixão em si mesma reside mais na parte apetitiva que na apreensiva” (ST, I-II, q. 22, a. 2, resp).

<sup>11</sup> Embora Santo Tomás ensine que *os primeiros movimentos da sensualidade* sejam independentes do império da razão e da vontade, o consentimento na paixão pode ser imperado e ordenado. E nisso consiste a sua moralidade. Pois todo ato consentido pela vontade em um apetite sensível contra o bem da razão é um ato mau, do ponto de vista moral; e todo ato sensual realizado conforme o bem da razão será um ato bom.

que, ao estar irado, fica com o rosto vermelho e quente, ou o homem muito alegre com o coração acelerado.<sup>12</sup>

Echavarría (2021) escreve: “Que as potências apetitivas da ordem sensitiva são potências orgânicas, como os sentidos, e seu ato se dá com transmutação no corpo.” Por isso, pode-se distinguir nas paixões um aspecto formal, o movimento apetitivo, e um aspecto material, a mudança orgânica: “Nas paixões da alma é formal o próprio movimento da potência apetitiva, e material a mutação corporal: e ambas são proporcionadas” (ST, I-II, q. 44, a1, resp). Por isso, *as paixões são um certo movimento psicossomático*. A partir de um ponto de vista tomista, é evidente que as emoções são comuns a todos os homens, ou seja, têm uma base natural.

### 3 As paixões não são nem boas nem más

Esse movimento passional, em si mesmo, é neutro, isto é, nem é bom, nem mau moralmente. Ele poderá se tornar bom ou mau se estiver em ordem ou em desordem ao bem da razão.

Escreve Santo Tomás:

As paixões da alma podem considerar-se em dois pontos de vista: em si e enquanto caem sob o império da razão e da vontade. Em si consideradas e como uns movimentos do apetite irracional, não são susceptíveis de bem nem de mal moral, que dependem da razão, como já dissemos. São, porém, susceptíveis de bem ou de mal moral, enquanto caem sob o império da razão e da vontade. Pois, o apetite sensitivo depende mais estreitamente da razão e da vontade que os membros exteriores, cujos movimentos, entretanto, e cujos atos são bons ou maus moralmente na medida em que forem voluntários. Com maior razão, as paixões quando forem voluntárias, podem considerar-se boas ou más moralmente. Ora, consideram-se voluntárias ou por serem governadas ou por não serem sofreadas pela vontade (ST, I-II, q. 25, a. 1, resp).

Este é um ponto central neste artigo, pois não é de pouco valor dentro do contexto do comportamento humano. Para saber como as paixões se tornam moralmente boas ou más, temos que considerar, como ponto muito importante na filosofia e na psicologia de Santo Tomás, que o homem, por ser racional e ter vontade

<sup>12</sup> “Todas as paixões da alma aumentam ou diminuem o movimento natural do coração, acelerando ou retardando-lhe a sístole ou a diástole; e isto manifesta a essência da paixão” (ST, I-II, q. 25, a. 2, resp ad 2).

livre, pode ordenar esse movimento conforme aquilo que é mais inteligente e bom. Assim, a ação que não é melhor conforme à razão será uma ação má, se voluntária.

### 3.1 As 11 paixões da alma

Na *Prima secundae* da *Summa Theologiae*, Santo Tomás realiza um extenso estudo sobre as paixões da alma. O Aquinate enumera 11 paixões.

Ora, nos movimentos da parte apetitiva o bem tem uma quase virtude atrativa, e o mal, repulsiva. Por onde, aquele causa primeiramente na potência apetitiva uma certa inclinação ou aptitude ou conaturalidade para si mesmo, e isto pertence à paixão do amor, ao qual por contrariedade, corresponde o ódio, por parte do mal. Em segundo lugar, o bem-amado ainda não possuído causa o movimento para ser conseguido, o que pertence à paixão do desejo ou da concupiscência, e por contrariedade e quanto ao mal, a fuga ou a aversão. Terceiro, obtido o bem, o apetite produz um como repouso no bem possuído, o que respeita à deleitação ou alegria a que se opõe, do lado do mal, a dor ou a tristeza. As paixões do apetite irascível, porém, já pressupõem, a aptitude ou inclinação a buscar o bem ou a evitar o mal, próprias do concupiscível, que visa o bem e o mal absolutamente. Assim, em relação ao bem ainda não possuído, temos a esperança e o desespero; em relação ao mal presente, o temor e a audácia. Relativa, porém, ao bem não possuído, não há no irascível nenhuma paixão, porque, não existe nesse caso a idéia de árduo, como já dissemos; mas a paixão da ira resulta do mal presente. Por onde é claro, que há três pares de paixões no concupiscível: amor e ódio, desejo e aversão, alegria e tristeza. Semelhantemente, há três no irascível: esperança e desespero, temor e audácia, e a ira a qual nenhuma paixão se opõe. Logo, são onze ao todo as paixões especificamente diferentes: seis do concupiscível e cinco do irascível. E estas abrangem todas as paixões da alma (ST, I-II, q. 23, a. 4, resp).

Observamos aqui que Tomás expõe as paixões segundo a ordem da execução e não segundo a intenção, pois, se assim o fizéssemos, a ordem mudaria.<sup>13</sup>

São seis as paixões do apetite concupiscível, que tem por objeto o bem apreendido pelos sentidos, *fácil e deleitável* em si mesmo:

*Amor*, que se dá quando há certa proporção ou complacência entre o apetite e o objeto, é a primeira das paixões; *Ódio*, que se dá quando acontece o contrário do amor, ou seja, uma desadequação do apetite com o objeto;

<sup>13</sup> A ordem das paixões entre si pode se fundamentar na distinção entre 1) o concupiscível e o irascível, ou 2) entre as paixões que tem por objeto o bem e aquelas que tem por objeto o mal. Ou ainda, 3) entre aquelas que são primeiras na execução (que é a ordem que é apresentada) ou aquelas que são primeiras na intenção, como por exemplo, a alegria, que é primeira na intenção, pois se ama porque se quer gozar e depois se executa.

*Desejo*, que é a paixão que se segue ao amor, é nesta paixão que se dá o real apetite do objeto amado; *Repulsa*, é o apetite de afastamento do objeto inconveniente; *Alegria*, que é a posse do bem amado e desejado; e *Tristeza*, que é a posse do objeto inconveniente odiado e não desejado.

São cinco as paixões do apetite irascível, que tem por objeto o *bem árduo e difícil* de ser alcançado:

*Esperança*, que é a inclinação ao bem difícil futuro, mas que é julgado como alcançável; *Desespero*, que é a inclinação ao bem difícil futuro, mas que é julgado como difícil ou impossível de ser alcançado; *Audácia*, é a inclinação a combater um mal futuro difícil de ser evitado, mas, considerado como vencível; Temor ou medo, que é certa inclinação de fuga ou afastamento do mal futuro difícil de ser evitado, mas, que é considerado como não vencível; e *Ira*; que é única paixão que não possui contrário,<sup>14</sup> é a inclinação ou tendência a combater um mal difícil e injusto.

Todas as paixões do apetite irascível começam no concupiscível, vão para o irascível e voltam para o concupiscível<sup>15</sup>. Vejamos o exemplo: em uma noite, após um longo dia de trabalho braçal, Pedro é acordado de madrugada pelo ronco de sua esposa. Por ser acordado, ele é privado de um bem deleitável, que é o descanso e relaxamento de seu corpo. Ora, segundo a experiência e a sensação, isso é um mal difícil de ser combatido, mas que deve ser combatido, dado é justo que ele durma. Portanto, Pedro “cutuca” sua esposa e a acorda, pedindo que ela se vire para o lado e pare de roncar. Quando ela faz isso, Pedro se alegra.

Esse simples exemplo permite-nos fazer algumas considerações. Percebemos que a posse desse mal sensível gerou algumas paixões na alma de Pedro, como o ódio, pelo inconveniente, a repulsa, pelo ímpeto de afastar-se do mal ou afastar o mal, a audácia, de combater e vencer o mal, e a ira, o desejo de vingar e expulsar o mal, e por fim, após ter expulsado, a alegria ou gozo. Fica claro, portanto, que as paixões do

<sup>14</sup> Pois o bem árduo possuído causa a alegria, que é contrário ao mal injusto e difícil, e ao ser alcançado, causa gozo, que é uma paixão do concupiscível.

<sup>15</sup> Vejam como o explica Santo Tomás: “As paixões do concupiscível abrangem um domínio mais vasto que as do irascível, pois há nelas algo relativo ao movimento, como o desejo, e algo relativo ao repouso, como a alegria e a tristeza; ao passo que as do irascível nada tem de relativo ao repouso, mas só ao movimento. E a razão é que, aquilo em que repousamos nada contém de difícil ou árduo, que é o objeto do irascível” (ST, I-II, q. 24, a. 1, resp).

irascível, especialmente a ira, desembocam ou retornam ao gozo do deleite de poder dormir, o que gera alegria. Tudo o que se faz na ordem das paixões é para ter a posse do deleite sensível, isto é, alcançar aqueles bens que são agradáveis. Em última instância, o que move o apetite sensível para buscar ou se afastar do bem ou do mal é o deleite que o sentido sofre. Se apetece o bem, não pelo bem, mas pelo deleite do bem. A moralidade dos animais brutos se reduz a essa dinâmica, mas, a dos entes humanos não.

*Arrastado pela paixão, o animal é movido; mas ordenando a paixão, o homem se move, pois tem vontade livre.* A vontade (*Voluntas*) pode se impor sobre o movimento do desejo (*desiderium*) e ordená-lo para ela. Se o intelecto e a razão conhecerem um bem superior ao bem que os sentidos conhecem, a vontade, iluminada pelo intelecto, pode querer e eleger este bem - o bem do intelecto - e deixar de lado o bem sensível, pondo as paixões em ordem àquilo que é melhor segundo o intelecto e a vontade, permitindo ao homem agir tendo sua parte superior no centro de sua vida moral. Como no exemplo acima, podemos pensar que Pedro, mesmo com ira, poderia ter sofrido esse mal pacientemente, pois, sua inteligência lhe mostrava que sua esposa também havia trabalhado o dia todo, ou que estava doente, etc. A paixão, neste ato, estaria ordenada conforme o ditame da reta razão. Dentro do ato humano, que é fazer o intelectivo-voluntário, a paixão está relacionada ao agir humano, ainda que não possa ser o seu fundamento.

#### **4 A escravidão das paixões como causa de desordem comportamental e psicológica**

Não é correto pensar negando a existência das paixões, mas ordenando-as conforme aquilo que é o bem da razão. Contudo, quando o homem cede às paixões, de certo modo, sede porque quer. Isto é, é preciso o consentimento da vontade no apetite do bem inferior.

Como nota Cavalcante Júnior (2008, s./p.): “Da preponderância, portanto, da ditadura dos impulsos emocionais sobre as diretrizes racionais da cognição advém, muitas vezes, a perda do controle emocional.” Por essa razão, enquanto passíveis de ordenamento racional e moral, as paixões podem ser a matéria de hábitos funcionais, levando em conta o fato de que estes são adquiridos a partir do reto ordenamento das

paixões pelo intelecto e pela vontade. Por isso, como convém mais ao homem agir sendo senhor dos seus atos e movimentos, convém a ele moderar o influxo desses movimentos e agir conforme o voluntário. Continua Cavalcante Júnior (2008, s./p.): “A consequência lógica é a adoção de um processo metódico de educação da inteligência e da vontade, aliada a um processo análogo, ainda que indireto, em relação ao apetite sensitivo, para prevenir tal descontrole, e mesmo aperfeiçoar o autodomínio”. Como ordená-lo? Santo Tomás irá responder ao estudar os hábitos cardeais, sobretudo a *temperança* e a *fortaleza*<sup>16</sup> É o hábito bom que ordena e torna boas as paixões da alma humana.

Além disso, do ponto de vista negativo, devemos notar que as paixões, se não são ordenadas pela razão, podem conduzir o homem a muitos vícios e afastá-lo do seu fim último. Podem tornar o homem enfermo: “o deleite absorve a vontade e a razão do homem a ponto de fazer desprezar os outros bens” (ST, I-II, q. 2, 6, ob 2). Por isso, as paixões devem ser analisadas enquanto relacionadas com o ato moral e o voluntário, e se elas estiverem em desacordo com o bem inteligível e com o voluntário, podem fazer mal ao ser humano, o fazendo viver em busca daquilo que o levará à frustração<sup>17</sup>. É por essa razão que uma das causas do mau comportamento está nas paixões desordenadas. Neste sentido, os atos maus realizados pelo homem são fraquezas ou doenças da alma: “Logo, o ato mau causado pela paixão deve ser tido como causado pela fraqueza” (ST, I-II, q. 76, a. 3, sed contra)<sup>18</sup>.

Apesar disso, as paixões ou seus movimentos nem sempre são fraquezas. Se olharmos atentamente para as paixões e elas estiverem conforme o bem da razão, segundo o Aquinate, elas podem até mesmo auxiliar a vontade. *Elas podem fortalecer o homem*: “As paixões da alma, quando contrárias à ordem da razão, inclinam para o pecado; ordenadas, porém, pela razão, auxiliam a virtude” (ST, I-II, q. 25, a. 2, resp

<sup>16</sup> “A temperança e a fortaleza constituem a super abundância das paixões, só acidentalmente, enquanto encontram paixões super abundantes no sujeito. Mas por natureza é próprio dessas virtudes, moderar as paixões” (ST, I, q. 95, a. 3, resp ad 1).

<sup>17</sup> O ato moral é aquele ato de que o homem realiza sobre o influxo da inteligência e da vontade. É por meio dele que o homem se torna senhor de sua obra, em termos modernos, seria o mesmo que dizer que por meio dele o homem se torna um agente consciente.

<sup>18</sup> Como ensina o professor Echavarría (2021), as paixões podem ter origem no corpo, ou na alma. Se tiverem origem no corpo, são mais paixões animais que psíquicas, como quando temos raiva porque algo nos causou desconforto, ou quando um sujeito possui alguma desordem fisiológica, que gera algum transtorno, como a bipolaridade. Aqui as paixões são afetadas e a afetação começa no corpo. Mas, se tiverem sua origem na alma, elas são mais psíquicas que animais. Cabe notar que toda paixão realiza certo influxo no corpo, mas, nem toda ela tem origem no corpo. Algumas têm origem na alma, por exemplo, em um erro do intelecto ou na fraqueza da vontade.

ad 3). Um pai de família deve se irritar para defender sua esposa e seus filhos de um assaltante que está tentando invadir sua casa. Neste caso, a paixão da ira contribui para a fortaleza e está sob seu império. Por isso, não se trata de não ter paixões, até porque elas são próprias da natureza humana, mas, de ordená-las, tornando-as morais.<sup>19</sup>

Escreve Santo Tomás em dois momentos distintos na *Summa Theologiae*:

A virtude moral perfeita não elimina totalmente as paixões, mas as ordena; pois, como diz Aristóteles, é próprio do homem sóbrio desejar como deve e o que deve (ST, I, q. 95, a. 2, resp ad 3).

Em nós o apetite sensível, onde se radicam as paixões, não se sujeita totalmente à razão; e por isso as nossas paixões previnem, umas vezes, e impedem o juízo da razão e, outras vezes, resultam desse juízo quando o apetite sensível obedece de algum modo à razão (ST, I, q. 95, resp).

Ora, para obrarmos bem é necessário levarmos em conta não só o que fazemos, mais ainda como o fazemos: i. é, devemos obrar segundo uma eleição reta e não só pelo ímpeto ou pela paixão. Ora, como a eleição visa os meios, a sua retitude exige dois elementos: o fim devido e o que convenientemente se lhe ordena. Ora, ao fim devido o homem se dispõe convenientemente pela virtude, que aperfeiçoa a parte apetitiva da alma, cujo objeto é o bem e o fim (ST, I-II, q. 57, a. 5, resp).

Neste sentido, o homem enfraquecido é aquele que não age segundo a paixão ordenada pela razão<sup>20</sup>. O homem é enfermo porque não hierarquiza os bens, e busca como bem e prazer apenas aqueles oriundos do bem deleitável<sup>21</sup>. Por isso, a ação má, ou o fim desproporcional alcançado, acontece por causa da fraqueza da vontade frente ao *império* das paixões do apetite sensitivo, que escravizam a vontade e a

<sup>19</sup> Santo Tomás de Aquino considerava as paixões da alma como elementos fundamentais na vida humana, pois influenciam nossas ações e decisões. Aqui estão mais alguns exemplos que ilustram essa importância: as paixões como o amor e a alegria podem motivar as pessoas a agir de maneira virtuosa. Por exemplo, o amor ao próximo pode levar alguém a praticar a caridade. As paixões ajudam a regular o comportamento moral. Santo Tomás acreditava que, quando bem ordenadas, elas podem guiar a razão e ajudar na busca do bem. As paixões são parte da experiência humana e contribuem para a nossa compreensão do mundo. Elas nos permitem sentir empatia e compaixão, essenciais para as relações interpessoais. As paixões podem ser um meio de crescimento espiritual. Por exemplo, a tristeza pelo pecado pode levar ao arrependimento e à busca pela virtude. Santo Tomás enfatizava a importância de equilibrar razão e paixão. As paixões, quando controladas pela razão, podem levar a uma vida mais plena e virtuosa. Esses exemplos mostram como as paixões da alma são essenciais para a ética e a moralidade na filosofia tomista, contribuindo para a formação do caráter e a busca pelo bem.

<sup>20</sup> Os exemplos são muitos: pensemos em quantas famílias destruídas pelos vícios, pela ira, pelas traições, pela dependência química, pela tristeza ou audácia imoderada, etc.

<sup>21</sup> Escreve Tomás: "Todos desejam os prazeres do mesmo modo porque desejam o bem; e contudo desejam o prazer em razão do bem, e não inversamente, como já se disse. Donde não se segue que o prazer seja o bem máximo e em si mesmo; mas que cada prazer resulta de um bem e que algum prazer resulta do bem máximo e em si" (ST, I-II, q. 2, a. 6, resp ad 3). Mas, porque sentimos prazer ou deleitação com os bens inferiores? Porque eles participam, de algum modo, como acidente, da essência da Beatitude, que é o que o homem busca.

impedem de escolher o bem proporcional ou devido, que deveria ser realizado ou feito. O mal moral, muitas vezes, por se fundamentar na busca pelo prazer deleitável, priva o homem da ordem da razão. Neste homem, as potências inferiores não são orientadas pela regra racional.

Escreve Tomás:

Mas esse fim, embora afaste-o da razão, é, no entanto, um certo bem, como, por exemplo, as coisas deleitáveis segundo os sentidos e outras semelhantes. Por isso, em alguns animais elas são boas, como também no homem, se são moderadas pela razão. Acontece, pois, que o que é bom para um é mau para outro. Por conseguinte, nem o mal, enquanto diferença específica nas coisas morais, implica algo que seja necessariamente mau. Ele implica aquilo que em si mesmo é bom, mas mau para o homem, enquanto afasta da ordem da razão, que é o bem do homem (SCG, III, c. 9, n. 7).

Neste caso, o mal moral acontece porque o agente visa o fim da paixão, da sensualidade, e não o da razão. A enfermidade moral se caracteriza, sobretudo, por essa dificuldade.

Lemos no *De Malo* (q. 1, a. 3):

Com efeito, é manifesto que o deleitável segundo o sentido move a vontade do adúltero, e a dispõe ao prazer de tal deleitação, que exclui a ordem da razão e a lei divina; que é o mal moral [...] E isso se evidencia assim. Com efeito, em todas as coisas das quais uma deve ser regra e medida de outra, o bem no regulado e medido é por isto que é regulado e conformado à regra e à medida; porém o mal é por isto que não é regulado ou medido. Logo, se houver um artesão que deva cortar uma madeira em linha reta segundo certa medida, e não a corta em linha reta, o que é um corte mau, esse corte mau é causado pelo defeito de o artesão não ter uma regra e medida. De modo semelhante, o prazer e qualquer outra coisa nas coisas humanas são medidos e regulados segundo a regra da razão e da lei divina; por isso o não uso da regra da razão e da lei divina deve ser considerado antes na vontade do que em uma eleição desordenada (*De malo*, q. 1, a. 3, resp).

## Conclusão

O homem precisa ordenar suas paixões à razão para ser bom, isto é, para ter uma vida contemplativa e racional, mas, sobretudo, para um dia alcançar o seu fim último, que não é alcançado na paixão, embora deva se servir dela como um dos meios para chegar ao fim último. Aqui temos uma personalidade madura, um homem normal, virtuoso. Como assinala Enrique Martinez (2002), as paixões possuem um

lugar central dentro da *pedagogia perennis* e da psicologia moral de Santo Tomás, pois elas são integrais e devem participar de toda a educação propriamente humana.

Educar é “*promover a prole até o estado perfeito de homem enquanto homem, que é o estado de virtude*”. O homem terá paixões, faz parte da sua natureza, mas é contra essa mesma natureza as paixões estarem no centro da sua personalidade, ou seja, no lugar do bem da razão. Quando as paixões dominam a alma, a escravizam. A consequência lógica é que o homem passa a ser mal moralmente, vivendo uma vida desconforme ao bem proporcional à sua natureza e sendo infeliz, embora, durante um determinado tempo, possa viver enganado. Segundo a opinião do Aquinate, muito mais contra a razão é o homem pensar que o seu Sumo bem se encontra no apaziguamento das paixões da alma.

## Referências

ABREU, Rafael de. **Introdução à psicoterapia tomista**. Osasco: Editora Domine, 2023.

ALVES, Reinaldo. A influência do pensamento de Marco Túlio Cícero sobre a moral de São Tomás de Aquino. **Revista: De magistro de filosofia**, Anápolis, ano VII, v. 13, p. 10-30, 2014.

ARISTÓTELES. **De anima**. Apresentação, tradução e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2006.

BRENNAN, Robert. **Psicologia Tomista**. Madrid: Javier Maratá, 1930.

CAVALCANTI NETO. Lamartine de Holanda. **Temas de Psicologia Tomista**. São Paulo: Instituto Lumen Sapientiae, 2017.

ECHAVARRÍA, Martin. **A práxis da psicologia e seus níveis epistemológicos segundo Santo Tomás de Aquino**. Rio de Janeiro: Editora: CBD, 2021.

ECHAVARRÍA, Martin. As teorias psicológicas das emoções frente a Tomás de Aquino, Bonino, s-t, mazzota, G. **Le emozioni secondo san Tommaso**. Città del Vaticano: Urbaniana University Press, 2019. p. 47-81

KALINOWSKI, Willian. As três definições de alma segundo a psicologia de Aristóteles e Santo Tomás de Aquino. **Revista Sapientia**, v. 20, p. 171-208, 2024.

KALINOWSKI, Willian. **O intelecto e as virtudes intelectuais especulativas em Santo Tomás de Aquino**. Campinas: Editora Contra Errores, 2023.

MONDIN. Batista. **Dicionário enciclopédico do pensamento de Santo Tomás de Aquino**. São Paulo: Ed: Loyola, 2023.

SANTIAGO RAMIRES, **De Actibus Humanis**, in I-II Summae Theologiae Divi Thomae expositio (QQ. VI-XXI)). Editio praeparata a Victorino Rodriguez, O.P. Madrid, 1972.

SERTILLANGES, Antonin Dalmace. **El problema del mal**. História. Madrid: EPESA, 1951.

TOMÁS DE AQUINO. **Quaestiones disputatae de Malo**. Opera omnia. Roma: Leonina, 1982.

TOMÁS DE AQUINO. **Quaestiones disputatae de Veritate**. Opera omnia. Roma: Leonina, 1972.

TOMÁS DE AQUINO. **Questiones disputatae de Malo**. Disponível em: <https://www.corpusthomisticum.org/iopera.html#QD>.

TOMÁS DE AQUINO. **Questiones disputatae de Veritate**. Disponível em: <https://www.corpusthomisticum.org/iopera.html#QD>.

TOMÁS DE AQUINO. **Sobre o Mal (De Malo)**. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2005.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Tradução de Alexandre Correia. Campinas: Ecclesiae, 2016.

VERNAUX, Roger. **Filosofia do homem**. São Paulo: Duas Cidades, 1969.

Recebido: 26/08/2025

Aprovado: 20/10/2025